

CINE-JORNAL

ANO I - Nº 7 DE JULHO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



Hilde Krüger

Neste número: Um sensacional artigo de HELI FINKENZELLER

Os artistas do cinema são coleccionadores apreciáveis

O coleccionador não é, ao contrário do que muitos supõem, um maniaco. É sim um repositório de paciência infinda, de persistência inabalável e, na maioria das vezes, de gosto artístico requintado.

Coleccionar constitui, para ele, um derivativo das preocupações e aborrecimentos da vida quotidiana; um refúgio, no qual mergulha com prazer e deleite; uma espécie de redoma que o isola do mundo exterior e lhe permite viver a «sua» vida.

Também, nem sempre preside a essa ânsia de acumular objectos, quer sejam quadros, selos, obras de cerâmica, bolões, bengalas, guarda-chuvas, lenços ou pratos, um sentido inferior de posse. Não, a maioria dos coleccionadores pretende apenas cultivar e desenvolver o seu gosto de perfeição, de beleza e de inédito. Para isso, andam por seca e méca, correm montes e vales para alcançar um objecto quantas vezes irrisório, gastam dinheiro os que podem, e inventam-no os que não podem.

Contemplan, estudar, palpar os objectos que eslima e distingue, entre tantos os que há aí por esse mundo, é prazer que o coleccionador usufrui com requinte estranho.

É, se, por vezes, pessoas há bizarras e originais naquilo que coleccionam, também não significa um desregramento mas sim a faculdade de lerem descoberto no objecto mais vulgar, quer pelo valor, configuração ou empraço, o apreço e a beleza necessária para que mereça ser arquivado e guardado.

Evidentemente que coleccionar selos é ainda hoje a arte que encontra mais fiéis. Compreende-se: o selo é, de certa maneira, o objecto mais acessível de obter, de trocar ou de comprar. Além disso, proporciona conhecimentos geográficos, cria ambiente para futuras viagens, inspira vontade de conhecer novos mundos, novas caras.

O selo, láo depressa põe o coleccionador em contacto com as encantadoras ilhas do Pacífico, como Rabaul e Kokopo, por exemplo, como o atira para os gelos do Polo, outro encanto não inferior, através de uma estampilha da expedição Byrd.

Depois, há as estigias dos homens de Estado que os selos prodigamente conduzem aos quatro cantos do globo. Não será acaso um prazer e a satisfação de uma natural curiosidade, contemplar as veras imagens de opulentiísimos príncipes indianos, cujos tesouros são incalculáveis, a legalizar pacatas estampilhas de alguns centavos?

* * *

Coleccionar é, pois, uma paixão, e a ela não escapam também os artistas cinematográficos. Apesar da vida febril que levam, das horas incontáveis que dispendem nos estúdios em repetições sem fim, bonecos de carne e osso manejados pelos cordelinhos que o realiza-

dor detêm nas mãos, os Gary Coopers, os Claudelle Colbert, os Guy Standing, descobrem sempre alguns momentos para se entregar ao prazer de coleccionar.

Assim, uns coleccionam bilhetes de teatro, jóias, objectos de vidro, armas, etc., enquanto outros, como Harold Lloyd arquivam, cuidadosamente, microbóios. Não imaginam a alearia da quele cómico em espertar, pelo micros cópico, uma gota de água e isolar o gérmen que nela populam...

Mãe West, essa, colecciona diamantes, brilhantes e perolas. Desporto cara que só os ganhos incomensuráveis da admirável intérprete de «Klondike Annie» podem suportar.

Gary Cooper tem a sua esplêndida casa ornamentada com centenas de pistolas, revólveres e espingardas. Claudelle Colbert possui algumas das mais raras primeiras edições publicadas na América do Norte e na Europa.

Carl Brisson pode, durante 500 dias, exibir um chapéu diferente, tantos são os que coleccionou até hoje. Sir Guy Standing, que é um ualável pintor transformou as suas salas num museu onde se encontram preciosas obras de arte e, especialmente, «os chinses».

Finalmente, Carole Lombard, essa loura irresistível, junta, com fervor, saíras, que compra por todo o prego.

Com nota aos coleccionadores que queiram permular...

OPERADOR N.º 13



Katherine Hepburn, numa cena de «Morning in Scotland»



Dorothy Lee, a parceira «atritrêe» de Wheeler e Woolsey



Tuto Rolf, umo Lilian Harvey da Fox...



Um técnico de som explica, a Lily Pans, a mecânica dos microfones

Um terramoto em «São Francisco»

Não há muitos anos — lembram-se? — um pavoroso sismo abalou profundamente a Cidade de S. Francisco, na América, provocando uma das maiores catástrofes de que há memória!

Em «São Francisco», o novo filme de Jeannette Mac Donald e Clark Gable, assistimos a uma assombrosa reconstituição desse quadro horripilante, e, segundo dizem os críticos londrinos, os primeiros europeus a ver o filme, tudo quanto se tem feito em matéria de truçagem é excedido largamente nessas cenas.

Como facto curioso, devemos apontar que as máquinas de projecção, na cena do terramoto, devem ter o regulador de som, na posição de máxima intensidade, afim da cena resultar o mais possível.

Os melhores filmes estreados na América, durante o mês de Junho

Photophy designa os melhores filmes estreados na América durante o mês de Junho:

- *The Green Pastures*, de Warner, com Rex Ingram e Oskar Polk.
- *The Road to Glory*, da 20th Century-Fox, com Frederick March e Warner Baxter.
- *The White Angel* da First National, com Kay Francis.
- *Spendthrift*, da Wanger Paramount, com Henry Fonda.
- *Fury*, da M. G. M., com Spencer Tracy e Silvia Sidney.
- *My Man Godfrey*, da Universal, com Carole Lombard e William Powell.
- *Earthworth tractor*, da First National, com Joe E. Brown.
- *Secret Agent*, da Gaumont British, com Peter Lorre e John Gielgud.
- *The King Steps Out*, da Columbia, com Grace Moore e Franchot Tone.

Nino Martini vai filmar, sob a direcção de Mamoulian

A nova firma Pickford-Lasky, cujos filmes são distribuídos pela United, contratou Nino Martini, o célebre tenor que vimos em «A Canção do Triunfo para interpretar *The World is mine* (O mundo é meu), filme que será dirigido por Ruben Mamoulian.

Os novos filmes da «London-Film»

A London-Film realizará, para exhibir na próxima época, os seguintes filmes:

- *Rembrandt*, com Charles Laughton, Gertrudes Lawrence e Elsa Lanchester.
- *Knight Without Armour*, com Marlène Dietrich.
- *I Claudius*, com Charles Laughton e Merle Oberon.
- *The Divorce of Lady X*, com Merle Oberon.
- *Dark Journey*, com Miriam Hopkins e Conrad Veidt.

Eddie Cantor

Ponny Boy é o título do novo filme de Eddie Cantor.

Nesta nova produção não só veremos uma apreciável pleiade de artistas novos como ainda teremos ensejo de avaliar da excelência do novo corpo de baile de Sam Goldwyn, onde se agrupam 80 heldades, 1.ª prêmios de beleza.

Três novos filmes de Charles Boyer serão distribuídos pela United Artists

Além de *O Jardim de Allah*, onde Charles Boyer aparece ao lado de Marlène Dietrich, a «United Artists» distribuirá dois novos filmes daquele artista, realizados pela Walter Wanger Prod. que por um recente acôrdo cedeu os seus filmes à firma de Chaplin, que dei-

xam, por isso, de ser, como até aqui distribuídos pela Paramount.

Os dois filmes do famoso galã francês são os seguintes:

— *History is made at Night*, com Boyer e uma vedeta a designar.

— *Arabian Nights*, com Boyer, Sylvia Sydney, Henry Fonda e Madeleine Carroll.



Grace Bradley, casada na praia de Santa Mónica



Um novo par: Janet Gaynor
e Robert Taylor, no filme
«A Pequena da Província»

As amarguras e tristeza duma vedeta de cinema

Um artigo pessimista de HELI FINKENZELLER

Quando as luzes se acenderam, novamente, exultava! Presentira o ogradro que a prova despertara.

E, assim foi. Duas semanas mais tarde, desempenhava, pelo primeira vez, ante o câmaro, um pequeno papel num filme!

Tenho saudades, saudades infinitas, do tempo em que sonhava com o cinema! É lindo, atraente, sedutor — visto de fora. Por dentro, na realidade, é a mais esgotante, a mais ingrata, a mais detestável das carreiras. Todas as alegrias e vantagens inerentes à condição de vedeta da tela não bastam para a impôr.

Ama demasiadamente a vida, para me contentar com amostras de realidade! É torturante o cinema, porque é falsa. É obscurente, porque nos absorve! É ingrato, porque o mais pequeno pormenor des-

prezado ou mal observado, inutilizo a força do conjunto!

Tenho tudo aquilo que ambicionava pequeno. Ocupo agora a lugar daquella vedeta que me deslumbrou noutros tempos. Disfruto da simpatia do galã sedutor. Vejo o «clima» que julgava ideal para o meu modo de ser. E, afinal, verifico, desolado que tenho infinitos saudades do tempo que eu via o cinema, pelos óculos cor-de-rosa do ilusão.

Vêr filmes era, então, a prazer espiritual máximo que podia experimentar. Hoje, não me interessam! Tudo me sôa «vejo» o galã beijar o heráino, e avalio longas horas de espera, de ensaio e «maquillage». Quantas vezes tivecm a impôr e tirar o «baton»!...

As frases de amor pressintam as antecede todas, pelas vezes do realizador, e por que estou a vêr nos intervalos o pessoal «set» correr com o papel filtro a limpar gotas de suor que ofloram sob a coroz rização, no testa dos artistas, sob o fô dos «sunlights».

Cinema! Mentira e ilusão. Nos primeiros meses: a alegria do ineditismo e da celebdade! Depois: a tortura duma vida, vata a uma vida falso, vasio, desoladora.

HELI FINKENZELLER.

(Rigoroso exclusivo de «Cine-Jornal».)



TODOS os que sonham com o cinema devem ler este artigo da vedeta alemã Heli Finkenzeller.

As ilusões e as realidades do carreira cinematográfica, aparecem-nos, com uma clareza absoluta, através das opiniões sinceras da vedeta de «Weibregimentt»:

«Logo que cheguei àquela idade romântica, que todas as raparigas atravessam, comecei a sonhar com o cinema. Se uma vida benfazeja, nessa altura, me aparescesse, a inquirir a que ambicionava, diria, sem hesitar: quero ser vedeta.

Em casa, como é do praxe, em casos semelhantes, encontrei a maior oposição aos meus anseios. Fui sempre educada como filha de uma burguezinha que se preza, e meus pais, como provincianos, da mais pura estirpe, que eram, não admitiam o hipótese de me vêr na tela a representar cenas «morais» — para me servir da sua frase pi-resca.

Cada vez que os ouvia, em lugar de me sentir abalada nas minhas convicções, via fortalecidas as minhas esperanças e os meus sonhos. Um bela dia, depois de me haver relacionado com uma pequena que trabalhava nos estúdios como costureira, obtive licença para assistir a uma filmagem.

Se entusiasmada estava com o cinema — mais entusiasmada fiquei! As luzes, a «majestade» das vedetas, o ouráulo do luz,

que envolvia tudo e todos, a beleza da artista e a simpatia do galã, o atractivo dos cenários, o encanto do «ambiente», o «clima» do meio — puseram-me a cabeça à roda...

Senti o efeito da embriaguês.

E, tão tonta fiquei que, daí o instantes, fui pedir, de joelhos, ao realizador do filme, que me desse um papel, que me desse trabalho nos estúdios.

O homem alhou para mim surpresa. Chamou o assistente, que me levou a fazer um «test». No dia seguinte, sem dizer nada a ninguém, lá fui até ao estúdio, para vêr os resultados. Entrei numo salinha pequena, mergulhada numa semi-obscuridade, sentei-me numo cadeira que me chegaram, e aguardei. O coração parecia que me saltava do peito. Tinha o cabeça a arder.

Passado instantes, que me pareceram horas, na parede em frente, a tela iluminou-se e, como por encanto, apareci a sorrir, a falar, o cantar, o recitar as versos de Goethe, que haviam servido para experimentar o minha dicção.



«Mãos ao or!» Myrno Loy parece não estar muito segura ante Robert Montgomery. Não admiro!... Éle é tão simpático!... — Um cena do filme «O perseguidor de Soiros», título que diz qualquer coisa...

Algumas notas à margem do Cinema Colonial

A Arte e a técnica cinematográficas são duas coisas muito complexas. A primeira, pela sua própria essência; a segunda pela mecânica especial a que está subordinada.

Assim, as condições indispensáveis para que um filme se imponha são a arte dos que nêle colaboram (o cinema é essencialmente uma arte de colaboração), os conhecimentos e material técnicos utilizados e, por fim, o imprescindível acôrdo das duas primeiras condições.

Resulta daqui a noção lógica e fácil de que arte e técnica, em cinema, são duas coisas naturalmente distintas e inconfundíveis, mas inseparáveis, visto que uma sem outra nada vale.

* * *

Dizer que em Portugal não há artistas, nem técnicos, nem material, é falsear a verdade. Todavia, seja-nos permitido proclamar bem alto — longe do receio de qualquer contestação — que entre nós, a-pesar-de tudo, não se faz cinema. O significado disto é simples: ainda não encontramos uma fórmula segundo a qual seja possível aproveitar todos aqueles valores numa íntima colaboração, nessa fórmula está o segredo. Mas, para a sua descoberta, urge tomar uma providência inadiável: organizar a indústria cinematográfica portuguesa.

* * *

O género de cinema mais acessível é o da reportagem e o do documentário. Acessível, por todos os motivos: não tem as exigências duma indústria bem orga-

nizada, nem as de segredos de colaboração, nem as de numerosos conhecimentos técnicos, nem as de material de primeira ordem, nem, ainda, as de artistas consagrados na arte cinematográfica. Valham-nos, em abôno da nossa afirmação, alguns brilhantes exemplos: *Alfama, Nazaré, praia de pescadores, Douro, faina fluvial, Descarregadores de carvão* e muitos outros. Com os poucos recursos disponíveis, fica demonstrado, mercê duma orientação honesta, é-nos facultada a execução de bons documentários e de boas reportagens.

* * *

Ocorre perguntar: — porque motivo se exhibe, nas salas portuguesas, uma percentagem assustadora de maus documentários e reportagens? Os motivos são vários, infelizmente: má orientação, ausência de escrúpulos (por vezes assumindo a forma de desonestidade), insuficiente remuneração, etc. Ocioso catalogá-los a todos; não é esse o nosso fim. Além disso, muitas vezes é difícil, ou mesmo impossível, descobrir qual dêles preponderou.

* * *

Occupamos nesta revista a tribuna que visa a defesa do cinema colonial. Fazemo-lo com orgulho, não porque as obras apresentadas nos mereçam louvores, mas porque atribuímos a êsse capítulo do cinema português uma importância indiscutível. Nesta emergência, ousamos arvorar-nos em paladino de tão nobre missão, julgando cumprir um dever. Disfrutamos a ventura de não sermos únicos; outros nos acompanham.

Mas desgostam-nos os comentários às nossas afirmações por aquilo que encerram de impropriedade ou injusto. Assim, o orgulho converte-se em vergonha — a vergonha de não termos a força necessária para impedir louvores e contestações injustificadas. Nada tão vergonhoso e prejudicial como louvar o mau e deprimir o bom.

* * *

Não há um ano afirmámos, num artigo publicado sobre um documentário de Mossamedes, ser imperdoável (a um país, como o nosso, senhor dum vasto Império Colonial) o esquecimento do dever de divulgá-lo, pelo cinema, não só entre portugueses, como perante as outras nações. Ocioso, também, repetir as razões alegadas.

Essas palavras não foram letra morta. Choveram louvores e, como é hábito, reprimendas. Destas, umas acusavam-nos de anti-patriotas, outras de injustos e outras ainda impunham-nos silêncio — temporário já se vê — com a promessa de nos vermos obrigados a reformar a nossa opinião. «Em breves meses — diziam-nos — poderão ser exhibidos filmes sobre Cabo Verde, S. Tomé, Guiné e Angola, porque, aproveitando o ensejo do primeiro Cruzeiro de Férias às Colónias, seria encarregado um artista de reconhecida competência de os executar.»

Respeitámos a imposição, embora tivéssemos algumas objecções a opor. Mas ceámos que nos acusassem de precipitados. Intimamente reconhecemos a dificuldade da tarefa do artista, a-pesar-da sua «reconhecida competência. Os poucos dias ou horas de demora,

em cada uma das localidades visitadas, impediria, decerto, a realização dum trabalho à altura das exigências, sob pena de se cair na inutilidade duma reportagem de cruzeiro.

* * *

Fomos ver o filme de Sampaio e resolvemos prolongar o nosso silêncio. Não valia a pena comentar a sua obra. Resultou deficiente, mas tudo se justificou. Tinha falhado mais uma soma de boas vontades, por isso se tornaria impertinente fazer comentários.

Assim, o novo objectivo é, neste arrazoado, reforçar as nossas palavras de afanhão, embora lancemos mais um exemplo.

* * *

O tipo de filmes coloniais a editar — ousamos acentuá-lo — será o que documente o estado das nossas colónias e, portanto, a obra realizada por nós, como colonizadores exemplares.

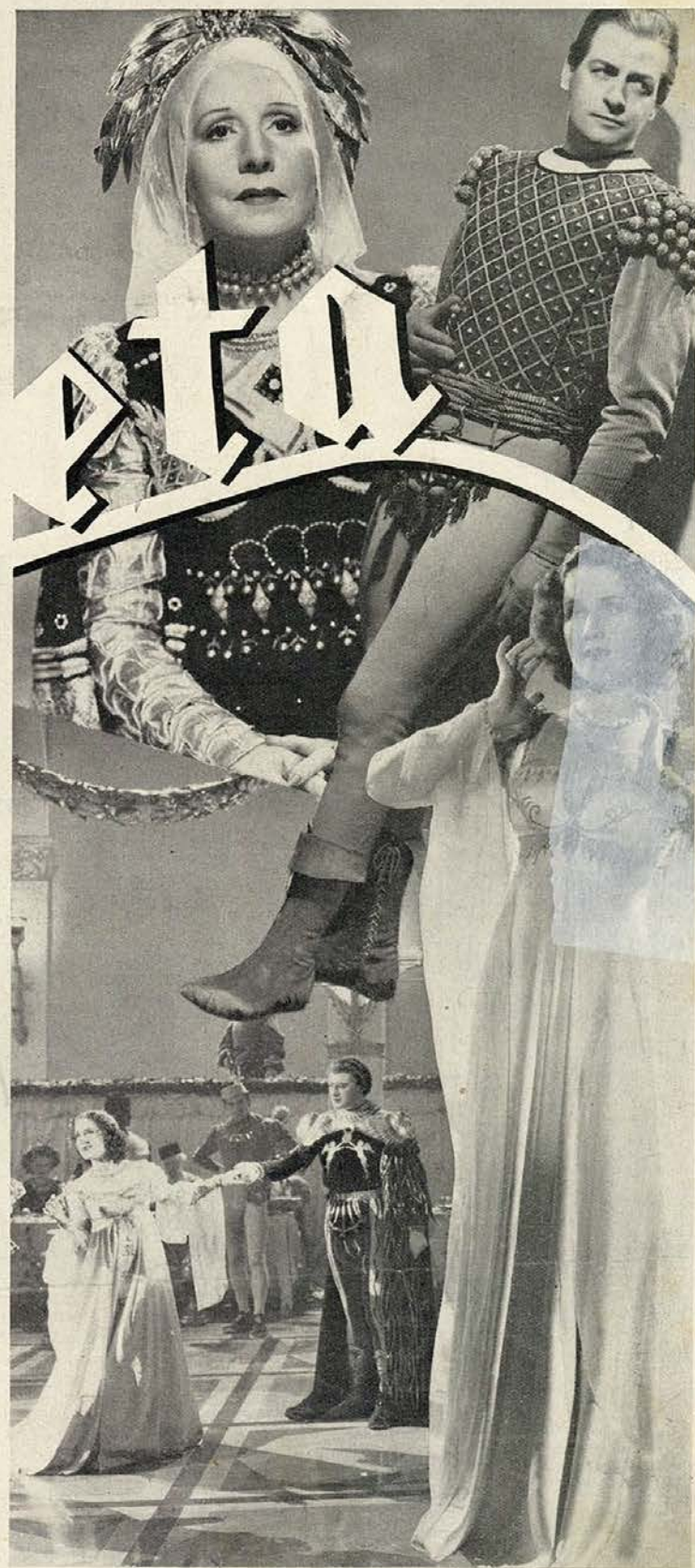
Reportagens de cruzeiro ou meras indicações sobre a etnografia das nossas possessões ultramarinas — não bastam.

* * *

Quando pensaremos nós, a sério, na divulgação das coisas coloniais pelo cinema? Quando abandonaremos o sistema falido das experiências?

Quando teremos nós a coragem suficiente para medirmos as nossas responsabilidades e repararmos as nossas falhas?

RAUL FONSECA



Como eu e Julietta

um dos filmes mais luxuosos do ano
maximo de METRO-GOLDWYN-MAYER



COM norma shearer
leslie howard
john barrymore
reginald denry ETC

Allô, Lisboa? daqui Hollywood

Pronto. Realizei o meu ideal!

É curioso o que sucede a um simples mortal quando consegue realizar o seu ideal...

Em lugar de dar largas ao entusiasmo mais desenfreado por ter alcançado aquilo que há muito levo-por almejava, puz-me a pensar: — que maçada. Agora tenho que arranjar outro ideal, que estava já tão habituado a aquele que tinha...

Nem por isso deixo de estar muito grato a «Cine-Jornal» por me ter proporcionado o prazer de poder verificar se realmente Hollywood é tal qual o público supõe através das descrições das revistas de cinema.

* * *

Pois não tenho perdido o meu tempo... A febre de trabalho que torna essencialmente dinâmica a vida na América, apoderou-se de mim de tal sorte que uma «rapinhada» que eu levava no no Martinho uma hora a consumir, é agora aspirada por mim enquanto o diabo esfrega um olho.

Estive mesmo à beira de bater o «récord» da curupinhada de Hollywood, com o consequente contrato garantido para filmar. Mas, quasi no fim da competição, que sustentava contra cinco intrépidos hollywoodenses, surgiu no bar uma Goldwyn-girl que me fez, num irrefletido gesto nervoso, quebrar a patineta. Naturalmente, foi «truc» dos meus adversários, ao saberem que eu era português.

O meu ex-ideal mio é aqui correspondido, isto é, ninguém põe a melhor das suas esperanças em visitar Lisboa, nem mesmo depois do êxito do «T'revos».

No que toda a gente pensa é em bater «récords»; há-os de qualquer género. Ainda agora fui apresentado ao «re-córdum» dos «croquettes» frios: comeu 153 duma assentada, mas ainda muito aborrecido porque, ao que parece, o «récord» mio pode ser homologado, em virtude de os «croquettes» não estarem panados como manda o regulamento da prova. Em Lisboa teria sorriso com superioridade. Transplantado a estas paragens, sinto-me indignado com a vacuobra, que tem em mira favorecer o filho do chefe da policia local que só tem, a final, estômago para 98 «croquettes», e também assistei a representação que vai ser enviada à Comissão Permanente de Culinária.

* * *

Mas não tem ficado por aqui a minha actividade. Cheguei há quatro horas e já entrevistei a Greta Garbo, a Claudette Colbert e a Shirley Temple.

Os repórteres americanos andam possivelmente fufos comigo e rosnam pelos cantos contra as facilidades que se dão a estrangeiros em país com tantos desempregados.

Com o coração nas mãos direi que a minha entrevista com Greta Garbo deixou muito a desejar.

Logo por azar caí-lhe em casa num dia em que o seu secretário estava ausente. Apesar disso, desisti imediatamente de ouvir pensamentos profundos, transcendentais e originais da boca... da célebre estrêla.

E estão daí a ver o inimitabilíssimo diálogo luso-sueco que sustentámos durante mais de um quarto de hora.

Ela dizia-me com a sua voz de rapuz-de-dôze-anos - que - está-quasi-um-homem:

— Kry ein delchir? E eu, com a testa enghada pela reflexão, retorquia-lhe: — Depende muito das circunstâncias...

Precisamente no fim do nosso cavaco é que, pela primeira vez, a compreendi. Foi quando, levantando-se, me estendeu a mão.

Há um pequeno pormenor curioso cuja autenticidade garanto absolutamente.

Quando me encaminhava para a porta, veio ao meu encontro um criado, muito açodado, que me informou que Greta Garbo se esquecera de qualquer coisa e me chamava de novo. Voltei à sua presença e, sem qualquer prepara-

ção prévia, fui mimoseado com um forlissimo beijo, um autêntico beijo à Garbo, género «ou agora ou nunca».

Então ela, com o mais aliciente dos sorrisos, disse-me em bom português:

— Estamos pagos. Você fez-me perder um quarto de hora a dizer, em sueco, os meses do ano, mas eu, com este beijo, fiz o com que perca a amizade dos seus amigos, mais dedicados...

Fiquei vexadíssimo com a «igualdade» da troca e, ao mesmo tempo, desajoso de chegar a Lisboa para ver se os

meus amigos me perdoam ou não o beijo da Garbo.

* * *

Diante da Claudette Colbert, passamos rapidamente pelo meu espírito as suas interpretações de «Cleopatra» e de «Uma noite aconteceu».

— Antes de interpretar a figura de Cleopatra visitou o Egipto?

Claudette tem um longo silêncio. Julgo, ao olhar para os seus olhos semi-cerrados, que ela evoca com saudade as margens do Nilo. Por fim, responde-me: — Nunca mudo de restaurante. Vou sempre ao mesmo: o «Tyrol». Esse de que me fala deve ser para «extrás», porque nem sequer de nome conheço.

Desapontamento. Mudo de assunto. Recordo-lhe o sucesso de «Uma noite aconteceu».

— Ó, isso não tem importância alguma, responde-me ela cheia de modéstia. É rara a noite que não me acontece qualquer coisa...

Desapontamento. Ao acender o terceiro cigarro, desfecha-me:

— Que tiragem tem a sua revista? — 500.000, arrisco...

Desapontamento. Desta vez, dela.

* * *

Até agora, a impressão mais viva que colhi foi a da minha visita à Shirley Temple.

A «Menina dos Caracóis» é simplesmente encantadora. Talvez um tudo nada infantil, mas tem realmente muito interesse.

Por coincidência, chegámos ao mesmo tempo à sua porta. Eu vinha de joça ao eixo com as «girls» do Eddie Cantor. A Shirley acaba de presidir a um Congresso Teosófico. Ao criado que acorreu ao seu encontro, entregou ela dois pacotes envolto em papel de seda.

— Os rebuçados são para a mãezinha, os «drops» para o paizinho, respondeu. Depois, voltando-se para mim, com desenvoltura. — É da imprensa? Os jornalistas aborrecem-me. Pega-se num jornal e só se encontram propósitos infimliss...

E, dando largas à sua natureza comunicativa: — Não acho aquela reforma da Sociedade das Nações uma verdadeira rapaziada? E que me diz ao presidente do senado (os senados costumam ser tão graves...) de Dantzig a deitar a lingua de fora, que é coisa que eu já deixei de fazer há tanto tempo? Por isso me aborrego quando me chamam criança... Lembra-me os doidos que acham sempre que os outros é que não têm juízo.

E, suspirando: — afinal, sou uma criança incompreendida...

Esqueço-me das tradições da raça; agarro no chapéu, e desarmo pela porta fora. Há lá coisa mais desastrosa para um homem do que compreender uma mulher incompreendida?

Poder-me-ão objectar que exagero, que a Shirley é, na verdade, uma criança. Mesmo assim.

Uma vez acerquei-me dum miúdo de seis meses que não encontrava ninguém que a compreendesse e, ao tentar eu decifrar aquele precoce enigma, apaibei com uma boneca de loiça na cabeça... Antes fazer uma critica a uma exposição dimensionista.

O avião-correio está a partir. Termino por hoje. Mandarei mais novidades se o «Cine-Jornal» não ordenar que volte, a pretexto de qualquer coisa — como justificadamente receto.

Hollywood, tantos de tal...

AMBRÓSIO

JOÃO MANUEL

um garoto que vai ser uma revelação



A Canção da Terra vai ser interpretada, como todos sabem, exclusivamente por artistas, que nunca trabalharam ante a câmara.

Publicámos, há dias, a foto de Elza Rumina, a protagonista. Hoje damos a de João Manuel, um garoto que tem na obra um papel importante e do qual nos dizem maravilhas. João Manuel, que revela, segundo as provas feitas, uma prodigiosa intuição cinegráfica, vai constituir, por certo, senão uma das revelações do filme, pelo menos uma atracção poderosa.

E já agora, que a ele nos referimos, queremos fazer votos, que, no caso de triunfar, lhe não suceda o mesmo que aconteceu ao pequeno Rafael Luiz Lopes, que, depois das brilhantíssimas provas que prestou em Campinos, caiu no esquecimento e nunca mais foi aproveitado em nenhuma outra produção.

De resto, é esta a regra geral, que rege o destino de todos aqueles que demonstram qualidades ante a câmara, em filmes portugueses...

Na foto acima, poderão ver, por enquanto, que João Manuel é fotogénico.



QUANTO

SA S cenas de amor contam-se no número das mais caras para filmar. Um beijo que dura, na tela, quatro segundos, leva às vezes muitas horas a registar e custa uma centilha calada que, na nossa moeda, anda à roda de 30 contos.

Mas, mesmo que custassem o dôbro, em por isso deixáramos de as ver, uma vez que são elas que «pagam» o estro.

Ainda, há dias, em Paris, quando saímos do cinema que exibia *Revolta e Bordo* tivemos ensejo de verificar o facto. Tôdas as mulheres gabavam o filme. Mas falavam do interesse da história, da maravilhosa fotografia, das «composições» tão perfeitas? Não...

— Viste aquelas cenas de amor? Clark Gable e Mamó! Que lindo! Com o tronco nú, ao sol.

Porque se a tempestade e a revolta eram feitas para os homens, as mulheres, por sua vez, apreciaram mais e bem mais as cenas de amor, sem as quais, talvez o filme não houvesse alcançado o seu enorme êxito.

E no entanto são elas que fazem mais dôres de cabeça aos realizadores, aos «produtores, aos actores e aos «camarões». Nos dias em que se tem que fazer tomadas de vistas de cenas de amor, todo o pessoal do estúdio, dos colaboradores técnicos aos artistas, ficam preocupados e mal dispostos.

As portas do estúdio fecham-se hermeticamente. Nenhum visitante nele pode ingressar. Jornalistas e agentes de publicidade, ainda menos. Estes escribas, demasiadamente romanescos, têm sempre a mania de tirar conclusões referentes à emoção, não profissional, da vedeta... Quando, afinal, o facto de corar pode significar tudo: embaraço, cólera, calor — e, de facto, amor... Mas neste último caso, mais uma razão para defender os protagonistas da publicidade escandalosa...

No «set», desta forma barricado, a atmosfera é ainda mais tensa. Os figurantes deixam de se entreter pelos cantos — e atropelam-se, entre bastidores, curiosos e interessados. Os cabeleireiros e «maquilleurs» deixam os seus camarins, para ocupar o seu pósto, na primeira fila, pronto a reparar os estragos, após cada «take». As «habilleuses» estão prontas à primeira voz com um vestido sobreceleste e as aias com o franginheiro de sãs.

A tarefa mais árdua, porém, fica a cargo do operador. Vejamos, por exemplo, uma cena de *Romeu e Julieta*. Leslie Howard é talvez o mais romântico dos heróis da tela. Mas o seu nariz complica terrivelmente a situação e preocupa o operador, que se interessa sobretudo pela face de Norma Shearer. Obri-

ga-os a inclinar a cabeça, ora à esquerda, ora à direita, procurando o ângulo mais favorável.

— «Mr. Howard, não poderia dar o beijo no canto esquerdo da boca de miss Shearer? Experimente agora, à direita... Um pouco mais abaixo... Assim, sobre o queixo não! Não beije dessa forma. Fiquem os narizes encostados um ao outro... Não resultam!».

O operador aproxima-se e dispõe os pacientes. Isto pode durar cerca de meia hora. Quando se dá por satisfeito, Norma tem que voltar a ser caracterizada, os caracóis estão desfeitos e perdeu todos os ganchos. Leslie teve que mudar de colarinho e deseancar durante cinco minutos.

Mas não é tudo. O engenheiro de som tem que ser ouvido. Que género de beijo tem que registar. Há-os de tôdas as espécies: beijos silenciosos, beijos que se ouvem, beijos lentos, sorridentes, apaixonados, entrecortados de suspiros.

Não há nada como um beijo, na tela, para criar uma lenta. Lembrem-se de Greta Garbo e de John Gilbert. Conseguiram esconder o seu amor, aos olhos do mundo inteiro. Mas os seus beijos inolvidáveis no *Demônio* e a *Carne* traíram-nos.

Quando Lew Ayres chegou ao estúdio, para filmar as primeiras cenas de *O Beijo* disseram-lhe que deveria beijar Garbo com ardor, com paixão. Lew nunca havia trabalhado com a vedeta sueca e estava extremamente intimidado. Quando chegou o grande momento, estava de tal forma emocionado que tropeçou e estatelou-se no solo. Greta sorriu e tanta graça achou ao caso, que fez todo o possível para, depois, lhe facilitar a tarefa.

Não podemos censurar as artistas que exigem, no decorrer dos seus filmes, cenas que metam muitos beijos, longos e apaixonados. Elas sabem que os seus admiradores as esquecerão depressa se elas não puderem exhibir os seus dotes de sedução.

A censura americana, actualmente, faz guerra aos beijos.

Bons tempos em que podiam durar o tempo que os artistas e o público queriam! Hoje, os censores não permitem mais de seis segundos de duração.

Lembram-se dum beijo que bateu todos os records? Dolores Costello e John Barrymore, na *Fera do Mar*.

Durou um minuto!... Verdade seja que, nessa altura ainda não estavam casados!... Barrymore confessou depois, discretamente, que o beijo não tinha sido registado dum fôlego, e que havia sido tomado várias vezes e feitos «records» das várias cenas.

Os artistas gostam de filmar cenas de amor? Claro que sim! E muitos deles são suficientemente francos para o confessar!...



CUSTA UM

BEIJO?

Qual foi o filme



mais a sensibilizaram: *O Denunciante*, *Parada Maravilhosa* e *A Mascarada*.

— E os seus artistas favoritos?
— Primeiramente o talentoso Boyer, depois Harry Baur e Gary Cooper. Creiam que saímos satisfeitos de casa de Maria Albertina. As suas respostas foram, inequivocamente, inteligentes.

Ricardo Santos Carvalho

O Teatro da Trindade, desde que se converteu num bairem delicioso, pejado de caras bonitas e raparigas «sex-appealosas», é um antro perigoso. Bastas vezes somos forçados a cerrar os olhos, para não vermos corpos esbелtos que deslizam pelos corredores...

Felizmente, as raparigas em breve se vão a caminho dos camarins e os corredores voltam a estar solitários e tristes. Apenas um sujeito, lá no fundo, nos intriga. Disfarçado de «boxeur» violento

Carvalho, pulamos para o camarim de

Hermínia Silva

A simpatia de todos os artistas de teatro para com o nosso jornal é uma coisa que nos sensibiliza.

Todos se prestam a responder ao nosso inquérito, e, muitas vezes, com manifesto prejuizo dos seus afazeres.

Segundo a norma, a gentil Hermínia Silva recebeu-nos com galanteria.

Começa por nos garantir que adora o cinema. Apenas lamenta não ler mais tempo disponível para apreciar todos os bons filmes.

— A meu ver, as melhores produções desta época foram: *O Denunciante*, *Mundos Últimos* e *Parada Maravilhosa*. Nunca os esquecerrei.

— E os seus actores favoritos?
— Robert Taylor, Frederich March e Charles Boyer são os meus predilectos.

Margarida de Almeida

que vai ser uma deliciosa bailarina em *Xangai*, estava perto de mim e de Rafael Marques.

A sua figura bonita, muito *mignonne*, e bastante cinematográfica chamava-nos a atenção.

Margarida de Almeida de bom grado responde ao nosso questionário. Primeiro divaga muito sobre cinema.

Mardeando uma cultura cinematográfica bastante rara, fala-nos de Paul Deschamps, Pierre Chenal, Chaplin e de mais gente consagrada. Escutamo-la com prazer. Discutimos alguns pontos de vista, mas chegámos a um acôrdo.

Os filmes que mais a sensibilizaram foram, *A Mascarada*, *La Bandera* e *Crime e Castigo*.

Os actores que prefere são: Wallace Beery, Pierre Noir e Victor Mac Laglen.

ANTÓNIO FEIO



Maria Albertina

ARTISTA do povo, irmanando com elle nas suas alegrias e tristezas. Dentro do teatro ligeiro, Maria Albertina é um nome que as plateias veneram, e escutam com religiosidade.

Quer no entoar melancólico dum fado amargurado, quer num número de revista, trepidante e entusiástico, Maria Albertina domina o público, ganhando ovações delirantes, que a acalentam e encorajam a trabalhar no seu sonho de arte.

Maria Albertina é uma nova que soube encarar uma certeza e alcançá-la.

Não podia, pois, faltar o seu depoimento no nosso inquérito.

Fomos encontrá-la na sua salinha, confortável e arejada, onde se vêem inúmeras fotografias, das mais diversas personalidades artísticas e sociais.

As nossas perguntas não a amedrontam. Conhece o *Cine-Jornal* — revista da sua predilecção — e de boa vontade nos cita quais foram os três filmes que

o, parece, no entanto, ter cara de boa pessoa. Aproximamo-nos cauteolosamente, não vá o diabo tecê-las.

O «boxeur» olha-nos e sorri. Nós olhamo-lo e sorrimos. O pugilista era o Santos Carvalho...

Vinha mesmo a propósito tal encontro.

Arrastamo-lo conhecê-lo e, à queimadoura, inquirimos, à láia de agente de investigação.

— Quais foram os três filmes que mais lhe agradaram, esta época?

O homem do «box» olhou-nos, esboçou um sorriso mais que amarelo e engoliu em seco.

— É para o inquérito do *Cine-Jornal*? Tudo se desanuviou. Uma gargalhada prazenteira, acolheu a nossa explicação.

— Para o *Cine-Jornal*? Encantado! Então, tome nota: *As quatro irmãs*, *Lanceiros da Índia* e *Véspera de Combate*.

Quanto a artistas, escolho Greta Garbo, Shirley Temple e Anny Ondra. Estão satisfeitos?

Radiantes com o depoimento do San-

Rafael Marques

A temporada de ensaios é a mais fastidiosa para um artista de cena. Trabalha-se de dia e de noite, numa azáfama horrível, e por fim, após as fôrças esgotadas, só os nervos imperam.

Receávamos que Rafael Marques não nos pudesse atender. Sabiamos-lo entusiasmadíssimo com a sua próxima digressão a *Xangai* e alarefado com os preparativos da partida.

Mesmo assim, o simpático veterano do nosso teatro quis ter a gentileza de nos receber.

Não abusámos da condescendência.

— Os três filmes que mais agradeceu?

— Em primeiro lugar deixe-me mencionar-lhe *A Valsa do Adeus*. Um filme inolável, em que a vida de Chopin era descrita duma forma impressionante. Seguidamente, como não estou para arrelias, cito-lhe duas obras impagáveis do Fernand Gravey, que me deliciaram: *Que Desatradão* e *Se en fisses o patrão*.

— E as suas estrélas?

Vimos Rafael Marques franzir o sobrólho.

— Perdê-me mas não mencione artistas. Individualismos não se admitem no cinema. Para um filme ser bom, não basta que os seus intérpretes tenham talento. No teatro, um grande actor pode salvar uma peça fraca. No cinema um artista, por melhor, que seja, não logra salvar uma produção cuja realização seja desastrosa, que tenha uma sonorização horrível e uma fotografia pobre. O cinema é uma corrente enorme, e a quebra dum dos seus elos é causa dum desastre. Por isso, não lhe menciono nomes, embora existam artistas por quem tenho forte admiração.

de que mais gostou?



davam papéis de «boxeur» a Préjean que tem um ar pacífico e não os entregavam a Pierre Brasseur que é cheio de vida!!!

* * *

Li outro artigo em que se fazia o elogio dos vários campeões de variados desportos, elogio esse que salientava as qualidades fologénicas desses ídolos e «ases», com o fim de chamar a atenção dos produtores cinematográficos, «Mais pourquoi la France offre-t-elle si peu de chances a ses meilleurs champions?...» era a frase final.

De alto a baixo: Errol Flynn, John Weissmuller e Max Baer

E o nosso caso? O caso dos portugueses?

Quási que não merece a pena falar no assunto.

Tantas e tantas vezes o problema tem sido abordado a propósito dessa mistéria que no fundo dos palcos das revistas aparece sob o título arrebitado de «girls» que chega a aborrecer falar mais uma vez.

As americanas são muito mais altas e têm uma vida muito mais higiénica e praticam regularmente exercícos. As portuguesas que são geralmente baixas e têm uma tendência assustadora para alargar não se importam com a estética. Para muitas delas, ser elegantes é subir o Chiado.

* * *

O caso dos rapazes é um pouco melhor, Manuel de Oliveira — que nos agradou tanto quando dirigiu «Douro, faina fluvial» e faz pouco quando entrou na «Canção» — é um desportista cheio de entusiasmo.

Oliveira Marius é um atleta completo e uma das melhores esperanças entre os actores que o nosso cinema tem criado.

Tinha, e não sei se ainda tem, o desejo de entrar num filme em que pudessem mostrar tudo quanto sabe fazer. Desejamos que o filme nunca se realize, pois filhcs neste género, dão quasi sempre fiascos, mesmo quando realizados pelos treinadíssimos cineastas americanos, quanto mais pelos nossos inexperientes realizadores.

* * *

Metade de Portugal está banhado pelo mar e são raros os portugueses que sabem nadar. Os nossos rapazes são a vergonha do avô Gama e do avô Cabral.

Vamos lá a ver se este ano, nas nossas praias, os rapazes que pretendem vir a fazer cinema praticam mais desporto e exercícos respiratórios e menos altitudes e posições *cinéfitas*, ridículas e afectadas.

TAVARES FERNANDES

O problema do desporto é e tem sido, por vezes, explorado duma forma ignóbil por variados processos.

As revistas cinematográficas, por vezes, também se servem dele para encher uma página.

Mas o problema tem, debaixo do ponto de vista cinematográfico, uma importância extraordinária. Eis porque deve ser tratado conscienciosamente e lembrado o mais possível. Em Portugal mais do que em qualquer outro país, existe a *fúria de desporto*, mas escasseia a *noção de desporto*.

A época é propícia para a prática de diversísimas modalidades.

Vamos tratar o assunto duma maneira muito e muito especial para que este artigo não seja um *artigo* como há muitos.

* * *

Quantos e quantos filmes de fundo se têm realizado que só podem classificar-se como «filmes desportivos»? Reparem que poucos ou nenhuns desses filmes são obras-primas; isto leva-nos a concluir que o desporto faz bons filmes mas nunca obras-primas.

* * *

Duyallés é um atleta completo, a sua cultura física é modelar. Não se prestará para fazer senão filmes cómicos?

* * *

Não são só artistas de cinema que praticam desportos, mas têm tanto essa predilecção que escolhem para esposos campeões afanados.

São uma infinidade os escolhidos, desde a Anny Ondra consorciada com esse incrível Max Schunelng, que joga «box» e serve de «metteur-en-scènes», até à Lily Damita, casada com o campeão das Olimpíadas de 1932 de — calculem hem — com o campeão de lançamento de martelo.

* * *

A Europa dá, realmente, artistas com mais temperamento, com mais talento, com mais génio, mas tirando estes, que

Campeões do DESPORTO

são as excepções, o resto é quasi tudo sofrível. Os americanos já não são assim; têm poucos actores excepcionalmente talentosos, que vibram sinceramente, mas conseguem — graças ao seu modo de viver e conviver e à sua preparação desportiva — muitos, multíssimos, esplêndidos actores.

* * *

Reparem como nadam Hermann Brix, e Buster Crable, e Weissmuller, e...

Não é nadar, é desenharem altitudes cheias de beleza.

Os desportistas na América quando se tornam populares são logo contratados para fazer cinema. Na Europa é raríssimo.

Lembram-se do Carpentier? Também eu...

* * *

Sabem que Wallace Beery é por vezes aviador?

* * *

Há tempos em certa revista francesa, um artigo, discutia-se porque razão se





Brigitte Harney, uma artista alemã, das mais célebres e populares

CARTA DO PORTO

O Palácio de Cristal, quando pertencia a uma sociedade particular, organizava espectáculos cinematográficos na sua nave, que, desta maneira, era transformada no maior salão de exhibições do nosso país, se não da península.

Essa empresa explorava comercialmente o cinema e, apesar dos seus preços populares, muitas vezes apresentava as melhores super-produções, as maiores maravilhas da sétima arte.

Há mais de um ano o Município do Porto comprou a propriedade do Palácio de Cristal destinando-o a uma louvável actividade cultural. Nada mais justo. A cidade adquiria um vasto e belo recinto, único aberto ao público do nosso país, com a sua situação, extensão e extraordinária beleza, para, dentro dos mais racionais e modernos processos, dar um sentido cultural à sua exploração.

Dentro d'este critério existe um incommensurável programa de realiação.

Se nalgumas facetas dessa exploração tem havido uma louvável e plausível preocupação cultural, no que respeita a cinema ela não existe, com a estranha desvantagem de os espectáculos cinematográficos serem agora muito inferiores ao que realizava a empresa antecessora, que o explorava apenas com finalidades mercantis.

É certo que o cinema cultural, com tendências culturais, raramente é apre-

sentado nas casas de espectáculo e quando isso se dá, é apenas, em quantidade insignificante. Não porque as empresas se desinteressem dessa finalidade, mas, porque o público, instintivamente rebelde, na sua maioria, a determinadas manifestações de cultura, ainda tem uma ideia algo errônea.

Tudo levava a crer, portanto, que a actual direcção do Palácio, reconhecendo, como toda a gente culta, a alta influencia que o cinema pode exercer no espirito público e dado o vasto campo de acção do cinema como veiculo cultural, esta modalidade de espectáculos preenchesse um dos capitulos da tão apregoadá feição instrutiva que se prometeu dar à exploração d'este recinto.

O que se tem feito é tudo quanto há de mais contraproducente. Conquanto os preços estabelecidos sejam, na verdade, populares, deixa muito a desejar, pela sua inferior qualidade, o género de filmes que ali têm sido apresentados.

Quere dizer: esta exploração cinematográfica desmente, em absoluto, a orientação que se prometeu, de um modo geral, dar ao Palácio de Cristal, com a agravante de esta entidade fazer uma desleal concorrência aos empresarios do género, visto que automaticamente transforma os seus espectáculos em explorações mercantis, visto que outra finalidade não têm lido até hoje as suas sessões de cinema.

Compreendemos muito bem que o seu

director, a despeito da sua extraordinária boa vontade e titânico esforço, que ninguém de boa fé poderá desmentir, não pode concentrar a orientação da exploração de todas as modalidades que o Palácio pode e deve possuir, por ser humanamente impossível. Por isso mesmo é que urge subdividir essa orientação em departamentos especializados que, em directa colaboração com o director geral, deverão estudar e promover os diversos espectáculos de forma a dar-lhe a devida concepção cultural e reputamos o cinema como sendo um dos primeiros a dever ser submetido a esse estudo, para não verificarmos que a sua apresentação contraria completamente a finalidade para que o Palácio foi adquirido.

Milagres ninguém faz e com as boas organizações é que sempre se obtiveram os bons resultados.

Cinema no Asilo do Terço

Mais uma vantagem, uma grande e humanitária qualidade da arte da imagem animada: a de contribuir para dar um pouco de conforto, um pouco de pão e instrução, aos pequeninos desherdados da sorte.

Existe nesta cidade uma instituição que vela pelos rapazes sem familia ou cuja familia não pode cuidar da sua instrução e sustento — o Asilo do Terço.

Pois, como esta simpática e velha instituição vive, quasi exclusivamente, do auxilio de particulares, a sua situação financeira não é das mais prósperas. Para procurar obter alguns fundos que diminuam o seu deficit, a direcção mollou no seu agradável jardim em cinema que explora a preços populares. Primeiro silencioso e depois sonoro, o cinema do Asilo do Terço foi conquistando um publico fiel, todo o publico dum vasto bairro popular que tem sabido corresponder a tão simpática iniciativa.

Não se suponha, porém, que, na mira dum maior lucro, este modesto cinema apresenta filmes de inferior qualidade. Pelo contrario. Na sua tela passam, em réprise, como não podia deixar de ser, as melhores produções cinematográficas, embora procurando sem pre corresponder ou seguir as tendências preferencias dos seus espectadores.

Tal altitude, tal orientação, verdadeiramente honesta, merece os mais rasgados eucómos, visto que não se procura explorar a sentimentalidade doentia do publico, mas, tratar-se de uma alta e nobre obra de solidariedade humana, e preterir-se, apenas, que o publico corresponda, na medida do possivel, à boa qualidade dos espectáculos apresentados.

Se a orientação do cinema do Asilo do Terço, pela sua altruista finalidade é digno do auxilio de todos, pobres e ricos, pela sua honestidade merece a simpatia, o mais disvelado carinho de todos os cinéfilos, pois, representa um esforço credor de toda a nossa maior e mais entusiástica admiración.

A organização da próxima época

Trabalham activamente os dirigentes dos cinemas do Porto na organização dos programas a apresentar, nos seus salões, na próxima temporada de inverno.

Trabalho extenuante, exaustivo e delicado, exige um sem numero de predicados, demanda um porfiado estudo, uma noção mais ou menos exacta da psicologia do publico a que se destina, qualidades estas que, muitas vezes, brigam com os altos interesses da organização dos mercados internacionais.

E para se conseguir coordenar todos esses elementos em luta, os mais potentes e variegados, para se poder harmonizar, num difficilissimo equilibrio um sem numero de exigências com a pequenez do nosso meio, quanta argucia, quanto esforço e, muitas vezes quanta audácia, até!

E no entanto, o grande publico, o es-

pectador que comprou o seu bilhete comodamente instalado na sua cadeira, a maior parte das vezes, a maior errada noção das razões determinantes da apresentação de qualquer progresso.

Entretanto, agiganta-se, cada vez mais, o esforço dos nossos empresarios que, à porfia, leimam em apresentar nos seus cinemas, em oferecer aos seus espectadores, os melhores filmes, as maiores produções, quantas vezes trazidas ao nosso país à custa dos maiores sacrificios.

Porque se o Porto, ultimamente, tem visto e apreciado os melhores filmes, precisamente na mesma altura em que são apresentados nos maiores centros europeus, salvo poucas excepções, se o espectáculo cinematográfico, nesta cidade, attingiu um nivel idêntico ao das grandes capitais, esse progresso foi conseguido devido a uma tenacidade sem limites e, quantas vezes, sujeito a um risco que nem sempre consegue a devida compensação.

E isto que pode não interessar directamente o espectador, deve, no entanto, tornar-se publico para que todos os juizes sejam feitos com as bases necessárias.

Só assim se poderá fazer justiça, quando tiver de se fazer.

Ernesto Eusébio

Acaba de sofrer uma intervenção cirúrgica, numa casa de saúde desta cidade, o nosso querido amigo Ernesto Augusto Eusébio, activo e eslimado sócio-gerente do cinema Olimpia, sendo, felizmente, muito satisfatório o seu estado.

Com os nossos veementes desejos de um pronto restabelecimento, felicitamos o nosso querido amigo pelo bom resultado da operação a que se submeteu, fazendo votos por o vemos em breve à frente do cinema que proficientemente dirige.

CARLOS MOREIRA

C. T. 1 A. N. Radio Sonora

Reabre na próxima quarta-feira, 29, a interessante secção de cinema da estação C T 1 A N, Radio Sonora, que é dirigido pelo nosso camarada de redacção António Feio, que, por motivos particulares, fora forçado a suspender a sua actividade radiofónica.

Cine-Jornal, dando a sua colaboração à secção de cinema de Radio Sonora, vai estar em contacto mais assiduo com os seus inúmeros leitores.

Os meses de verão, longe de serem um periodo de férias, vão representar para o departamento cinematográfico de C T 1 A N uma temporada de trabalho assiduo, preparando e elucidando os seus ouvintes sobre o que será a próxima época cinematográfica. Para inicio da temporada de verão, damos a lume o seu primeiro programa, a todos os titulos interessantissimo.

Quarta-feira, 29, às 22.30 — Programa cinematográfico — Dirigido e elaborado por António Feio em colaboração com *Cine-Jornal*.

- I) Abertura.
- II) 3 minutos de cinema... por A. F.
- III) Música de filmes de maior êxito estreados na presente época.
- IV) ...de todo o mundo: Noticiário cinematográfico fornecido por *Cine-Jornal*.
- V) Passatempo cinéfilo, com interessantes prémios.
- VI) Apresentação em primeira emissão de alguns trechos musicais do fonofilme *Noite de Ópera*, interpretado pelos irmãos Marx, a exhibir na próxima temporada.
- VII) Biografia de Karen Morley, com fundo musical.
- VIII) Fecho da Secção.

9 HORAS da manhã



... Já não preciso de me empoar hoje!

Os homens detestam ver uma senhora a empoar constantemente o nariz. Mas mais duma pensa que não existe outro meio de impedir que a pele se torne brilhante e luzida. No entanto, eu reparei que, quando um bom pó de arroz está misturado com a «mousse de crèmes», como sucede com o Pó Tokalon à base de «mousse de crèmes», segura-se durante o dia inteiro, a-pesar do vento, da chuva ou mesmo dançando-se numa sala de baile aquecida.

Embora aderente e invisível, o Pó Tokalon com «mousse de crèmes» é um maravilhoso tónico da pele, estimulando os tecidos e não obstruindo nunca os poros. Agora, tenho sempre um rosto aveludado, claro e delicado, e que os raparigos invejam e que os homens tanto admiram. O homem que recentemente me pediu em casamento disse-me que foram a minha pele e tez maravilhosas que, primeiro que tudo, o seduziram.

A venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.



... que refresco, que garante a supressão do odor, afasto todo a mal estar consequente dos períodos e evito dores e inflamações, é um preparado necessário para a higiene da mulher.

Um único ensaio assegurará a sua superioridade e de tal forma, que em casa, em sociedade, em viagem, passeio ou «sport», COSMETINA se tornará indispensável.

COSMETINA não é um simples perfume cuja eficácia seria irrisória.

É um cosmético de base científica absolutamente eficaz e seguro.

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35 — LISBOA
À venda nas boas casas

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

VOANDO PARA OSTROLENKA

DADA a impossibilidade de exigir do leitor vastos conhecimentos acerca da corografia do Polónia, começaremos por explicar onde está situado o pequeno e pitoresco cidade de Ostrolenka. A via férrea que liga a cidade de Varsóvia com a importante cidade de Wilno, bifurca-se, num dado momento, para o norte; depois de três horas de viagem, o combóio pára, como que cansado de andar sob o calor obroxador do verão, numa pequena estação situado próximo da fronteira da Prússia Oriental. Este ponto do continente europeu chama-se Ostrolenka, e está situado numa paisagem de profunda melancolia, entre campos de cereal, prados e florestos.

Durante estes últimos cinco semanas estiveram em Ostrolenka cinquenta artistas e técnicos da Ufa, a trabalhar nas filmagens de exteriores para o novo filme «Ritt in die Freiheit» (Cavalgado da Liberdade). Os expedicionários não exageram quando afirmam que se fartaram de trabalhar entre nuvens de poeira e sob a ardência da sol, privadas de todas as comodidades o que estão habituados. Durante todo esse tempo viveram em tendas ou em vagões da via férrea, que durante o dia eram verdadeiras forns. É que, no pequeno cidade de Ostrolenka, um hotel para tantas pessoas seria um verdadeiro luxo, e, portanto, o gente

da Ufa não teve outro remédio senão conformar-se. Em compensação, podia orgulhar-se de passar cinco semanas num dos lugares mais importantes do movimento libertador do Polónia. Quem contempla o lindo paisagem das arredores não acreditará que elo foi regado com o sangue generoso de milhares e milhares de heróis. O novo filme conta um episódio do revolta polaco de 1830, dessa época em que os patriotas julgavam haver soado a hora de libertarem o Polónia do jugo moscovita. Nesses tempos havia, e ainda hoje há, um quartel de ulonos, situado o quatro quilómetros da vila. A tragédia de um oficial de ulonos, o conflito entre o amor e o dever, constituem o tramo deste filme, de grande intensidade dramática.

O lemo desta produção, dirigida por Karl Hartl, o realizador de «I. F. I não responde», do «Barão Cigano» e de «Ouro», é que o homem não pode e não deve viver sem os sentimentos do honra.

Nas imagens da esplêndida filme desenrolam-se episódios da vida de soldado, admira-se a policromia de antigos uniformes, e contempla-se a paisagem bellissima das margens da Norew. Em Ostrolenka tivemos ocasião de assistir à filmagem de algumas cenas do novo filme. Um esquadrao de ulonos transpõe o largo portão ensombrado pelos velhos ulmos, cujas folhas reluzem ao sol, sob um céu maravilhosamente azul. A filarmónico toca no pátio do quartel. As sentinelas apresentam armas, saudando os cavaleiros, segreda de banda de música e de ulonos, erguendo ao alto as suas lanças compridas.

Nesta cena, como nas outras, copiaram-se fielmente os modelos da época. Esta fidelidade é realçada pelo paisagem do Polónia, em vez de paisagem de estúdio, e também pela circunstância de que os ulonos não são figurantes, mas autênticos ulonos da exército do Polónia, graças à gentileza do Ministério da Guerra de Varsóvia, que pôs à disposição da Ufa dois esquadraões de cavalarior. As estações oficiais auxiliaram o mais possível o trabalho dos homens do filme. E essa gentileza é ainda superada pela comaradagem que se estabeleceu durante os cinco semanas entre os oficiais do quartel e o pessoal da Ufa. Os directores de produção e de cena, assim como os intérpretes principais, especialmente Willy Birgel, Victor Staal e Berthold Ebbecke, não se cansam de salientar a amabilidade com que foram acolhidos pelos oficiais do regimento de ulonos, n.º 5. Quanto às intérpretes, Hansi Knoteck e Ursula Grabley, regressaram a Berlim logo nos primeiros dias, depois de filmadas as cenas em que elas participavam. Um dos operadores canta-nos que a expedição foi recebida em Ostrolenka com todas as honras, e que logo no primeiro dia ofereceram-lhes um jantar no Casino, durante o qual se pronunciaram discursos de amizade. Foi essa comaradagem, entre os ulonos e os homens da Ufa, que contribuiu mais para se esquecer o falta de comodidade durante o estadia em Ostrolenka.

Berlim, Julho de 1936.

M. B. SANTOS E SILVA.

Hollywood não é tão ingrata como parece

O êxito em Hollywood — não obstante os lamentos dos cinicos — corôa os esforços daqueles que o merecem.

Na cidade inteira, observa-se a vaidade dessa afirmação. Basta contemplar as figuras cintilantes dos homens e mulheres de Hollywood para se encontrar um verdadeiro «dossier» de trabalho árduo e de resultados obtidos à custa de muito esforço.

Cienros, como exemplo, o caso de Louise Rainer.

Logo que esta atriz vienense chegou a Hollywood, parecia que todas as cartas do baralho se tinham disposto contra ela.

Virtualmente, não conhecia ninguém. Era tímida. Muito embora houvesse assinado um contrato com a Metro, dependia de provar que valia alguma coisa. E provou. Com *Escapade*, primeiro filme em que apareceu, agradeceu milhares de admiradores e estabeleceu uma posição bem sólida entre as celebridades hollywoodenses. No seu último filme, *The Great Ziegfeld*, no qual apareceu com uma pleiade de artistas de nomeada, viu os seus esforços coroados de êxito, pois foi elevada à categoria de estrela.

A explicação de tudo isto é: trabalho. Louise Rainer trabalha, estuda, ensaia, aprende, desde os dezassete anos de idade, trata com que começou a trabalhar no teatro. Se não fosse assim, poderia ter absoluta certeza de que toda a sorte do mundo não bastaria para a ajudar.

Outro exemplo frisante é Rosalind Russell. A-pesar de ser uma atriz de primeira categoria, admite, modestamente, que não é uma beleza de encantar. Achem-na muito alta e um pouco magra, em demasia.

Esses obstáculos, entretanto, foram superados por ela, que se salientou em *Tentação Loira*, *Os noivos de Mary* e *Nos Mares da China*.

Jean Parier mereceu o êxito que alcançou, mais do que qualquer outra artista da tela.

Orla, sem dinheiro, tímida, no delicado período da adolescência, chamou a atenção pela sua estranha beleza. Constância, pertinácia, e os seus modos encantadores fizeram o resto.

Nelson Eddy era um ilustre desconhecido da maior parte do público frequentador de cinemas antes de aparecer em *A Princesa Endiabrada*. O êxito que alcançou nesse filme, contudo, foi resultado de muitos anos de persistência, durante os quais cantou em palcos de segunda ordem. Antes disso, estudou tenazmente com professores de música.

Joseph Calleia era apenas conhecido como «outro actor característico» dos palcos novayorkinos, quando a Metro o tomou sob contrato e lhe deu papel do «cinico» em *Herá o seu papel n.º 1*. A forma como desempenhou o seu papel — a imaginação e a energia que lhe imprimiu — é hoje sabido. Como resultado, a Metro renovou-lhe o contrato. Apareceu em *Riffraff*, com Jean Harlow e Spencer Tracy, e em *Tough Guy*, com Jackie Cooper.

E até o pequeno Freddie Bartholomew, conhecido pela sua magnífica interpretação em *David Copperfield*, *Antu Kareina* e *Lord Fauntleroy*, apresentou-se em Hollywood, com um rico cabedal de trabalho e experiência em palcos amadores e profissionais da Inglaterra.

Assim, tanto no caso dum garoto como Freddie, como no duma veterana como May Robson, o êxito em Hollywood corôa os esforços daqueles que o merecem!

Ler «Stadium» é andar a par do desenvolvimento desportivo de todo o mundo

CINE-JORNAL
GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO
Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES
Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda
Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27
Telefones 2 1241 e 2 1227
Comp. Impressão e gravuras BERTRAND (Irmao), Lda
Trav. da Condesa do Rio 27—Lisboa
ASSINATURAS (pagamento adiantado)
PORTUGAL
52 números 1 ano 48000
25 " 6 meses 24000
12 " 3 meses 12000
Estrangeiro e Colónias. 52 num. 1 ano... 65000

Visado pela Censura

Quer ter uma cabeça assim
compre um cartão com gancho
WEST ELECTRIC
que custa Escudos 105:
A venda nos melhores Perfumarias e Armazens
REPARTIDORA:
A. BORGES, Av. 5 de Outubro, 293
LISBOA

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 41 — 27 DE JULHO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



«CINE-JORNAL» É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA